

René Girard, vida e luz

Gostaria de ter escrito antes, mas confesso que me faltou inspiração e nossa pauta foi tomada por outros assuntos mais urgentes. Mas não poderia deixar de lembrar da morte de René Girard, ocorrida recentemente. Grande pensador contemporâneo, ele escreveu obras, cuja fecundidade intelectual transitou entre as ciências humanas e sociais, além de ter sido também antropólogo e especialista em literatura.

Seu pensamento tem uma natureza dramática, não porque seus enredos sejam restritos a melodramas clichês. Pelo contrário, ele continuamente submete suas novas descobertas à uma tensão contínua e arriscada de cotejo com as anteriores, buscando encadeá-las harmonicamente. Quanto mais se aprofunda na leitura de suas obras, mais se percebe que ele nos conduz ao âmago de muitos de nossos problemas atuais - como a violência que estampa nossas tragédias sociais e as recorrentes atrocidades dos jihadistas pelo mundo - ao lançar luzes que resgatam o conhecimento clássico.

Sua grande contribuição, sem dúvida, foi a da "triangularidade do desejo": a descoberta de que o ser humano aprende a desejar por imitação dos desejos do próximo. A geometria do desejo é triangular, porque o ser humano não se relaciona diretamente com o que quer intimamente, mas sempre e somente por meio de um modelo desejante. Daí brotam as relações de admiração, rivalidade e ódio recorrentes em toda história da literatura que, no fundo, são uma imagem especular da beleza e da miséria da humanidade.

Girard diagnostica isso a partir de uma crítica analítica das grandes obras da literatura mundial e expõe seu achado arqueológico em sua surpreendente obra inaugural - *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* -, na qual ele tem as primeiras intuições sobre a dita triangularidade, localizadas, por ele, nas obras de Cervantes, Stendhal, Flaubert, Proust, Dostoiévski e Shakespeare que, conscientes disso, refletiram essa geometria triangular do desejo em seus escritos.

Esse desejo mimético, ao recair sobre qualquer objeto, mas sempre intermediado pelo outro, desata um inevitável conflito, suscetível de expandir-se dentro dessa geometria, por sua própria natureza triangular e, como efeito, produz uma espiral de inveja e violência devastadoras, se não encontram, instintiva ou casualmente, um bode expiatório para sublimar a conta - de um modo secretamente arbitrário - das culpas de todos os envolvidos.

Consumado o sacrifício, a paz renasce, ainda que seja momentânea. Quando o conflito é retomado, trata-se de repetir aquilo que o aplacou. Ou seja, mais violência e sangue. O bode expiatório originário converte-se em mito fundante e a vítima é divinizada. Esse mecanismo não só é constatado em muitíssimos costumes primitivos, mas também nos clássicos, apto a explicar as grandes obras literárias, em especial, as do teatro clássico grego e as tragédias de Shakespeare.

Não demorou muito para, empurrado por suas descobertas, dar um passo a mais e adentrar na teologia. Deixando a salvo o núcleo misterioso da fé e a partir do estudo dos livros de Jó, dos Salmos e dos escritos dos antigos padres, o Girard agnóstico que havia sido encerrou-se quando viu ser a paixão de Cristo a denúncia perfeita e acabada desse mecanismo vitimário. A única vítima absolutamente inocente, Jesus de Nazaré, entrega-se, como cordeiro ao matadouro, para quitar os pecados de toda a humanidade. Rompe a espiral de violência, assumindo-a desde dentro e

redimindo-a.

Hoje, assistimos às tragédias que produzem vítimas e mais vítimas, muitas delas sacrificadas inocentemente nos altares do terrorismo e do hedonismo contemporâneos, por meio de mecanismos de violência real ou simbólica. Não basta reproduzi-los ou imitá-los para exorcizá-los. Conseguiremos poucos resultados. É preciso desconstruir a violência a partir de dentro e para isso, “é preciso passar pela conversão e ser revestido pela graça de uma novidade fundamental”, como dizia Girard. Que ele descanse em paz, mas não suas ideias. Com respeito à divergência, é o que penso.

André Gonçalves Fernandes é juiz de direito, doutorando em Filosofia e História da Educação, pesquisador, professor, coordenador do IFE Campinas e membro da Academia Campinense de Letras (fernandes.agf@hotmail.com).

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 16/12/2015, Página A-2, Opinião.

[Religião, violência e liberdade \(por Joathas Bello\)](#)



René Girard, importante autor contemporâneo, sustenta que a religião é um dos meios mais poderosos com os quais o homem contou para controlar a espiral de violência que ameaça a comunidade: a solução do bode expiatório servia para amenizar os conflitos sociais nascidos do que ele chamou “desejo mimético” (o desejo do desejado por outrem)[1]. Como tese global sobre as religiões é uma ideia discutível, mas não é meu intento discuti-la aqui, senão que gostaria de chamar

a atenção, primeiramente, para o significado que ele vê no relato bíblico em que Deus impede o sacrifício de Isaac: o que ali se estaria nos dizendo é que Ele não deseja sacrifícios humanos, e que, portanto, não se solidariza com as religiões que têm sua base nesta prática (e cujos deuses são, portanto, ídolos). Ainda segundo Girard, quando Cristo, vítima inocente, faz-se expiação, seu sacrifício, solidário com o de todas as vítimas da injustiça, religiosa ou não, representa a abolição de todo e qualquer sacrifício cruento, mesmo o de animais; de agora em diante, a Igreja cristã ofereceria apenas o sacrifício eucarístico das espécies consagradas. Ao contrário do que repetem certas visões superficiais, Deus não é um sujeito sanguinário e arbitrário a impor sua vontade, mas aceita até mesmo a consequência mais sórdida da liberdade humana, que é a morte do seu Filho, para justamente através dela resgatar o homem da morte. Em Deus, o atributo da vontade aparece unido à inteligência: é razoável seu agir, Ele não resolve a violência através da violência, mas a vence com amor, e convida a liberdade humana a fazer o mesmo.

O Ocidente nasceu sob a égide destas ideias: uma Razão amorosa que liberta a pessoa humana e lhe revela a verdade de sua dignidade. No final da Idade Média, a filosofia nominalista, para acentuar a onipotência divina, negou as essências eternas em Deus: Ele poderia ter feito tudo de outro modo e, no campo moral, poderia ter ordenado mandamentos contrários aos que ordenou (de acordo com essa visão, se Deus quisesse, o assassinato ou até mesmo o ódio contra Ele poderiam ser meritórios); até por conta disso é que não há, para o nominalismo, conceitos universais, mas só realidades individuais. A partir dessas ideias é que se vai formando o pensamento moderno, e, aos poucos, vão se acentuando cada vez mais a vontade e a liberdade como as principais características do ser humano, uma vontade independente da razão, e, conseqüentemente, uma liberdade cada vez mais dissociada do bem objetivo: o homem (cada indivíduo) agora é livre para eleger ou inventar os seus fins; a liberdade só é limitada pela liberdade dos demais[2]. Nesse ambiente surgem as várias liberdades modernas ou liberais: liberdade de culto, liberdade de opinião, liberdade de expressão, etc. Depois de muito conflito, a Igreja Católica se dispôs a reconhecer o que haveria de positivo -desde sua perspectiva- nas liberdades modernas, com a Declaração sobre a Liberdade Religiosa, do Concílio Vaticano II[3]. O que ali se expressa é que a liberdade de consciência não é uma liberdade independente da verdade, mas para a busca da mesma[4]. Assim, não há, para a pessoa humana, uma liberdade absoluta: entre outras coisas, não há liberdade para o exercício da ofensa, seja esta, por exemplo, em forma de blasfêmia, seja na forma mais atroz, de atentar contra a vida de outrem[5].

As religiões, especialmente aquelas que se consideram herdeiras de Abraão, deveriam dar testemunho dessa relação entre liberdade, razão e amor -é bastante complicada para a(s) teologia(s) muçulmana(s) a questão da liberdade humana frente a onipotência divina (o mutazilismo foi um intento frustrado), mas o que digo aqui é o que se requer para uma mútua convivência-, e, na esteira do ensinado por Girard, compreender que, assim como não quis o sacrifício de Isaac (ou de Ismael, na versão do Alcorão), Deus não quer vítimas humanas em seu nome: o não fiel é alguém a quem propor a fé e com quem se deve conviver. Por outro lado, o Ocidente secularizado deveria aprender que o “deus” do qual ele burla é um espantalho que não corresponde à adequada imagem divina, que nos selou com um profundo anelo pela liberdade.

Joathas Bello é Doutor em Filosofia pela Universidade de Navarra.

NOTAS

[1] Cf. GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Tradução: Martha Conceição Gambini. S. Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

[2] Não é meu intuito resumir o complexo processo que levou do nominalismo ao liberalismo (sobre o voluntarismo do que é considerado o pai da modernidade, Descartes, por exemplo, pode-se ver: ZUBIRI, Xavier. *Natureza, História, Deus*. Tradução: Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2010, pp. 163-168), mas quero deixar indicado um possível paralelismo entre a teologia nominalista (da onipotência divina suprarracional) que estaria na raiz da liberdade sem freios do Ocidente, e aquela teologia que domina nos meios fundamentalistas islâmicos (da imposição da vontade/lei divina), que gera o terror irracional. Inclusive os totalitarismos ocidentais se inscreveriam nesta problemática: eles nada mais seriam que a tentativa de unir à força os indivíduos que já não podem mais se encontrar razoável e amorosamente (uma maneira de entender a relação nominalismo-individualismo-totalitarismo pode ser vista em: CORÇÃO, Gustavo. *Dois amores, duas cidades: A civilização do homem-exterior* [2o volume]. Rio de Janeiro: Agir, 1967, pp. 260-265).

[3] Cf. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html.

[4] A liberdade religiosa é compreendida pelo liberalismo como o direito do indivíduo a escolher a religião que lhe aprouver, uma vez que não se poderia falar de uma “religião verdadeira”; para o catolicismo, tal direito (natural) existe para que a pessoa humana adore a Deus em verdade, isto é, para que mantenha uma relação autêntica com a questão do sentido da existência, buscando-o sem constrangimento.

[5] Laicistas e fundamentalistas islâmicos transformam em bode expiatório, respectivamente, os religiosos e os “infiéis”: os primeiros, simbolicamente, através do escárnio, e os segundos, fisicamente, através do assassinato.

*** Texto publicado originalmente no site da revista do IFE, *Dicta&Contradicta*, em 11 de Fevereiro de 2015. Link: <http://www.dicta.com.br/religiao-violencia-e-liberdade/>

Crítica do desejo humano - por Pedro Sette Câmara

Mais um pensador francês contemporâneo e inclassificável? Antes de pensar “não, obrigado”, veja algumas credenciais de René Girard: apesar de ter sido apresentado ao Brasil pela teologia da libertação, seu nome é o primeiro de um abaixo-assinado de intelectuais que pediam ao Papa Bento XVI a volta da missa “tridentina”; ele fez sua carreira não na própria França, que considera um tanto senil, mas nos EUA, onde diz estar “cercado de vida”, e, se você pensa que por isso ele se transformou em conservador, é preciso dizer logo que sua principal crítica a Nietzsche e Freud é que... eles não foram longe o suficiente.

Os fundamentos de seu pensamento foram apresentados em seus dois primeiros livros, *Mensonge romantique et vérité romanesque* (“Mentira romântica e verdade romanesca”, publicado em inglês como *Deceit, Desire and the Novel*) e *La violence et le sacré* (publicado pela Paz e Terra no Brasil como “A violência e o sagrado”) e consistem, muito resumidamente, na teoria do desejo mimético e na explicação da origem dos mitos como falsas acusações levantadas contra bodes expiatórios. Girard observa que desde Platão o homem estuda diversos tipos de imitação, exceto um: a imitação dos desejos. Para crer que temos uma identidade própria, precisamos crer que nossos desejos tiveram sua origem em nós mesmos - na verdade, nada mais cafona ou inaceitável do que admitir que queremos algo porque nosso próximo quer. No entanto, pergunte a qualquer mulher se algo torna algum homem mais atraente do que ter ao seu lado outra mulher indubitavelmente maravilhosa. Não se trata *exatamente* de uma inveja (se aceitamos a definição de inveja como a tristeza pelo bem alheio), mas do desejo de *ser o outro* - desejo que existe porque os outros sempre parecem maravilhosos, sensacionais, intensos, e nós mesmos parecemos, a nossos próprios olhos, mesquinhos e banais. Também é fácil verificar que sempre atribuímos a objetos (concretos e abstratos) o poder mágico de transformar nossa existência: quando eu tiver aquela engenhoca, aquele carro, aquela casa, aquela pessoa, aquela educação, o resto maravilhoso da minha vida vai começar. Como nenhum objeto tem esse poder, vamos caminhando de frustração em frustração. Quando diversas pessoas desejam um mesmo objeto que não pode ser compartilhado, temos uma crise que só pode ser resolvida pelo sacrifício de um culpado - aquele que supostamente impede a posse do objeto. Se isso parece muito abstrato, basta pensar nas multidões que, durante a visita de George W. Bush ao Brasil, apedrejaram o consulado americano no Rio de Janeiro.

Isso não é tudo: só há crise porque desejamos algo que pertence ao próximo. Quando preferimos imitar um modelo distante - como os cristãos imitam Cristo, como os autores não tão antigos imitavam os mais antigos, os clássicos -, não temos problema em declarar nosso amor e em escancarar que estamos imitando, que esperamos ser julgados por aquele modelo e não por uma medida “nossa”. A existência de modelos distantes e comuns é fundamental para a coesão de uma sociedade - e provavelmente a nossa ainda será melhor entendida quando considerarmos que zombamos dos mesmos tipos, mas não respeitamos tipo nenhum. Agora, o próprio Girard admite que, apesar de logo ter reconhecido essa “boa” mímese, sua obra foi quase toda devotada ao estudo da mímese “má”. Para quem não a conhece, um excelente aperitivo é *Mimesis & Theory: Essays on Literature & Criticism, 1953-2005*, publicado em 2008 pela Stanford University Press, que reúne 20 artigos avulsos de Girard em publicações acadêmicas. Destes, 13 foram escritos originalmente em inglês. Quase todos tratam de um ou mais autores específicos: Saint-John Perse, Sartre, Tocqueville, Stendhal, Proust, Dostoiévski, Shakespeare; outros lidam diretamente com questões teóricas, remetendo-as - o que não pega bem em muitos departamentos universitários ditos de respeito - à própria vida. Assim, por exemplo, em *Critical Reflections on Literary Studies*, de 1966, Girard já considera que há um engessamento da crítica causado pela burocratização universitária e, na contramão da pseudo-prudência acadêmica, defende aquilo que uns consideram reducionismo: “Todo pensamento vigoroso mais cedo ou mais tarde acaba chegando aos próprios fundamentos; vai terminar, assim, numa redução. Podemos, é claro, continuar ignorando nossos primeiros princípios, achando que somos os únicos a não os ter, e até nos vangloriarmos desse vácuo: mas nada disso contribui para nosso pensamento. [...] A fobia do reducionismo ameaça emascular todo o pensamento crítico” (p. 166).

Este resenhista crê que o filé do livro está na seqüência de três ensaios - “Innovation and

Repetition”, “Feodor Dostoiévsky: Mimetic Desire in the Underground” e “Conversion in Literature and Christianity” – que antecede o último, sobre *Romeu e Julieta*. No primeiro deles, Girard começa observando que mesmo na *querelle des anciens et des modernes* a disputa era em torno de quais os melhores modelos, os antigos ou os modernos, não da idéia mesma de imitação. Com o surgimento da obrigação de originalidade no romantismo – não diminuída nem mesmo pela impressão cada vez mais forte de que, em arte, “tudo já foi feito” –, hoje chegamos à paradoxal situação de a imitação aberta e admitida ter-se tornado, se não original, ao menos singular. Mas Girard não se restringe às belas artes e leva sua análise para o âmbito da competição capitalista, mostrando que o livre mercado é uma forma de conter pacificamente a mimese má, e que inovação e imitação fazem parte do jogo entre as empresas. No segundo, que discute *Notas do subsolo*, de Dostoiévski, Girard tenta reduzir a uma lei aquilo que o autor russo manteve como metáfora: “as pessoas do subsolo são irresistivelmente atraídas por aqueles que os desprezam, e sentem um desprezo irresistível por aqueles que se sentem atraídos por elas” (p. 253). Isso pode ser encontrado na primeira parte do romance, a parte “teórica”, em que Dostoiévski afirma que o desejo de independência é maior do que aquilo que os iluministas chamavam de “interesse próprio”. Na famosa passagem da “mão invisível” de *A riqueza das nações*, Adam Smith recorda que não é por caridade que o açougueiro trabalha, mas por interesse próprio; Dostoiévski quer demonstrar pelas histórias de seu personagem que o desejo de mostrar-se superior, independente, autodeterminado – isto é, de mostrar a espontaneidade dos próprios desejos –, é maior do que o desejo de beneficiar-se. Desejo esse que não é outra coisa do que o ressentimento de não ser Deus. O terceiro ensaio leva a questão adiante, mostrando uma analogia entre a conversão cristã e a percepção que leva um autor de talento a se transformar em um autor verdadeiramente grande: a capacidade de perceber a própria finitude e acusar a si mesmo, em vez de acusar os outros ou alguma abstração (a sociedade, os deuses, o mercado, o neoliberalismo). O grande autor, em vez de buscar a realização pelo desejo, sabe que deve suspeitar dele, e, sempre segundo Girard, freqüentemente se transforma em parodista de suas primeiras obras. A “conversão” está em passar a sacrificar a si próprio (Lucas 9, 24; Mateus 8, 35-36) e assim escapar do círculo vicioso de frustrações que, levado ao paroxismo, é o “subsolo” de Dostoiévski.

Duas coisas acabam chamando a atenção na leitura de Girard: primeiro, que, ao contrário de boa parte da crítica, ele não se esquivava do mundo da vida. Em vez de circunscrever-se a um suposto mundo isolado das obras literárias, Girard o tempo inteiro considera que elas se referem a experiências humanas possíveis. Sua tese inicial, aliás, não é literária, mas psicológica ou antropológica; é uma tese sobre um aspecto do desejo, não das obras de arte. Segundo, pode-se dizer que ele inverte a tendência de certa crítica contemporânea de querer considerar-se também “arte” ou ao menos atividade criadora, pois Girard vê-se não como o crítico que interpreta obras artísticas, mas como o intérprete de obras artísticas que contêm – não apenas sob a forma de exemplos, mas de comentários diretos – teorias sobre o desejo. É a arte que, por fim, que se transforma em “crítica” do ser humano.

Pedro Sette Câmara é poeta, tradutor e colunista da Dicta&Contradicta.

Dados técnicos: René Girard, *Mimesis & Theory*. Stanford University Press, 2008. 334 pp.

—

Texto publicado na revista Dicta&Contradicta, edição nº3, Jun/2009, principal meio impresso do

Instituto de Formação e Educação (IFE).

Tags: Antropologia, Biografia, Literatura, René Girard,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em: <http://ife.org.br/rene-girard-vida-e-luz/>